

## A função dos morfemas categorizadores na língua Guajá

**Marina Maria Silva Magalhães**

Universidade de Brasília, Brasil

<https://orcid.org/0000-0003-4231-2582>

**Jorge Elias Matta de Mello**

Universidade de Brasília, Brasil

<https://orcid.org/0000-0003-1794-780X>

**ABSTRACT:** This study deals with the investigation of morphemes in the Guajá language whose function is to categorize the world into relevant domains for its speakers, building the reference of the name or defining the scope of the event from a prototypical category based on property features determined by the cosmivision of the Awa Guajá. Using the concepts of linguistic categorization and prototype, we analyze these morphemes as constituting a set of suffixes that define entities and events in terms of how far they are from or close to a prototype in terms of dimension/intensity (*-hu* and *-i*) or to similarities not expressed descriptively (*-rỹ*) or even with regard to their authentic features when contrasted with similar referents or events (*-te*).

**KEYWORDS:** Guajá; Categorizing morphemes; Prototype; Cosmovision

**RESUMO:** Este estudo trata da investigação de morfemas da língua Guajá cuja função é categorizar o mundo em domínios relevantes para seus falantes construindo a referência do nome ou definindo o escopo do evento a partir de uma categoria prototípica baseada em traços de propriedades determinados pela cosmivisão dos Awa Guajá. Utilizando os conceitos de categorização linguística e protótipo, analisamos esses morfemas como constituindo um conjunto de sufixos que definem entidades e eventos em termos do quanto se distanciam ou se aproximam de um protótipo no que diz respeito à dimensão/intensidade (*-hu* e *-i*) ou a semelhanças não expressas descritivamente (*-rỹ*) ou mesmo no que se refere a seus traços autênticos quando contrastados com referentes ou eventos similares (*-te*).

**PALAVRAS-CHAVE:** Guajá; Morfemas categorizadores; Protótipo; Cosmovisão

### 1. Introdução

A língua Guajá, que pertence ao ramo VIII da família Tupí-Guaraní (Rodrigues; Cabral 2012) e é falada pelos Awa Guajá que vivem em quatro Terras Indígenas<sup>1</sup> no noroeste do estado do Maranhão, apresenta quatro morfemas já descritos em trabalhos anteriores (Magalhães 2007; Magalhães e Ferreira 2021) para os quais propomos, na presente análise, uma função comum categorizadora, uma vez que constituem um conjunto de sufixos associados a nomes e verbos da língua usados para categorizar o mundo em domínios relevantes para seus falantes, a partir de sua perspectiva linguístico-cultural.

Utilizando guias ilustrados de espécies animais e vegetais, coletamos nomes da fauna e flora típicas da Amazônia maranhense, onde vivem os Awa Guajá, e a lista de espécies resultante, em conjunto com dados de narrativas já coletados ao longo de muitos anos de pesquisa, permitiu que fosse levantada a hipótese que aqui apresentamos e discutimos.

---

<sup>1</sup> Os Awa Guajá (que se autodenominam Awá; *Awa* na ortografia da língua) vivem nas TIs Caru, Awá, Alto Turiaçu e, assim como na TI Caru, há registros de grupos isolados também na TI Araribóia.

A análise dos dados nos leva a interpretar que os elementos do mundo podem ser divididos em categorias a partir de um nome não marcado que representa o referente básico e contém os traços mais representativos de uma determinada categoria. Outros membros menos centrais dessa mesma categoria seriam identificados pela associação deste referente não marcado com modificadores lexicais que especificam características como cor, desenho ou formato, ou modificadores gramaticais, que especificam dimensão e outras semelhanças não descritivas.

Assim, *wiroho* ‘gavião-real’ (esp. *Harpia harpyja*) figura como o referente central de uma categoria de aves que tem como membros outros pássaros, que seriam subtipos distintos, denominados por meio da raiz nominal modificada semanticamente por outras raízes lexicais, derivando nomes como *wirohopinuhũ* ‘gavião pega-macaco’ (lit. ‘gavião preto’) (esp. *Spizaetus tyrannus*) e *wirohokaxĩ* ‘gavião-cabeça-cinza’ (lit. ‘gavião cabeça prata’) (esp. *Leptodon cayanensis*). Também figura como membro desta categoria de aves o *wirohorỹ* ‘gavião-bombachinha’ (lit. ‘o que se assemelha ao gavião-real’) (esp. *Harpagus diodon*), marcado pelo sufixo gramatical similitivo (SEME) *-rỹ*, que será detalhado mais à frente.

O conjunto de dados a seguir ilustra essa categoria de aves que tem *wiroho* ‘gavião-real’ (1) como o referente central e as três seguintes subespécies dessa categoria, caracterizadas por afastarem-se (ou aproximarem-se) do referente prototípico por traços semânticos expressos lexicalmente (2 e 3) ou por traços gramaticais expressos por morfemas como *-rỹ* (4):

- |  |                                      |
|--|--------------------------------------|
| (1) <i>wiroho</i><br>gavião<br>‘gavião-real’ (esp. <i>Harpia harpyja</i> )   | Referente central da categoria       |
| (2) <i>wiroho-pinuhũ</i><br>gavião-ser.preto<br>‘gavião pega-macaco’<br>(esp. <i>Spizaetus tyrannus</i> )              | Referente modificado semanticamente  |
| (3) <i>wiroho-(ja)ka-xĩ</i><br>gavião-cabeça-ser.prata’<br>‘gavião-cabeça-cinza’<br>(esp. <i>Leptodon cayanensis</i> ) | Referente modificado semanticamente  |
| (4) <i>wiroho-rỹ</i><br>gavião-SEME<br>‘gavião-bombachinha’<br>(esp. <i>Harpagus diodon</i> )                          | Referente modificado gramaticalmente |

A mesma análise pode ser estendida à categoria cujo referente central é o nome não marcado *jawara* ‘onça parda’ (esp. *Puma concolor*), e que apresenta membros como *jawapinuhũ* ‘jaguarundi’ (lit. ‘onça preta’) (esp. *Puma yagouaroundi*), *jawaruhu peperemuhũ* ‘onça pintada’ (lit. ‘onça da pele pintada’) (esp. *Panthera onca*) e *jawa maraka’i* ‘maracajá’ (lit. ‘onça maracajá’) (esp. *Leopardus tigrinus*). Já a árvore *mihã* ‘ingá’ (esp. *Inga thibaudiana*) seria o referente central da categoria em que *mihatỹ* ‘ingá chato’ (esp. *Inga macrophylla*) figura como subtipo.

O que gostaríamos de ressaltar aqui é que, para além dos modificadores lexicais que atribuem traços semânticos aos membros de uma categoria, as raízes lexicais da língua Guajá podem também ser modificadas por morfemas gramaticais que se afixam a elas. Esses sufixos, assim como os modificadores lexicais, são associados aos nomes (e também a verbos, como veremos mais à frente) que representam um referente ou um

evento prototípico de uma categoria, modificando as suas características e criando um gradiente de entidades e eventos em termos do quanto se afastam ou se aproximam desse elemento central no que diz respeito à dimensão/intensidade (-*hu* e -*i*) ou a outras semelhanças físicas não expressas descritivamente (-*ry*) ou mesmo no que se refere a seus traços autênticos quando contrastados com referentes ou eventos similares (-*te*). São esses sufixos, que denominamos de morfemas categorizadores, o tema central deste estudo.

Exemplos ilustrativos do uso dos morfemas categorizadores na língua Guajá são: a ave de nome *manymy* ‘beija-flor’ (esp. de *Trochilidae*), que, quando não marcada, é uma espécie de referência e define uma categoria de pássaros, mas quando marcada pelo sufixo de dimensional intensificador -*hu* denomina outra ave, de nome *manymyhu* ‘ariramba’ (lit. ‘beija-flor grande’) (esp. de *Galbulidae*), que se refere a uma espécie de dimensão maior, relacionada à primeira, porém entendida como um subtipo dela. O mamífero *arapaha* ‘veado’ (esp. *Mazama americana*), termo não marcado, seria o referente central desta categoria de animais, enquanto *arapahary* ‘girafa’ (lit. ‘o que se assemelha ao veado’) (esp. *Giraffa camelopardilis*), que é como os Awa Guajá denominaram a girafa ao vê-la num filme, seria entendida como um subtipo do veado por apresentar características semelhantes a ele.

Há, ainda, a possibilidade de que ambos os tipos de modificadores estejam associados ao referente central na caracterização de uma subespécie. Assim, a ave *inamũ* ‘tururim’ (esp. *Crypturellus soui*), seria o referente central da categoria da qual *inamuhũ* ‘inhambu-cabeça vermelha’ (lit. ‘inhambu grande’) (esp. *Tinamus major*) e *inamuhupiũ* ‘inhambu-preto’ (lit. inhambu grande e preto’) (esp. *Crypturellus cinereus*) são membros, sendo esse último um exemplo de raiz nominal modificada por um sufixo categorizador -*hu* (INTS) e por uma raiz verbal descritiva *piũ* ‘ser.preto’.

- |     |  |   |
|-----|--|---|
| (5) | <i>inamũ</i><br>inhambu<br>‘tururim’ (esp. <i>Crypturellus soui</i> )                                    | Referente central da categoria                        |
| (6) | <i>inamu-hũ</i><br>inhambu-INTS<br>‘inhambu-cabeça vermelha’<br>(esp. <i>Tinamus major</i> )             | Referente modificado gramaticalmente                  |
| (7) | <i>inamu-hu-piũ</i><br>inhambu-INTS-ser.preto<br>‘inhambu-preto’<br>(esp. <i>Crypturellus cinereus</i> ) | Referente modificado gramaticalmente e semanticamente |

Tendo explicitado esses aspectos mais gerais da categorização, focaremos, a partir de agora, na descrição e análise apenas dos modificadores gramaticais que definem subtipos dentro de uma categoria e na relação desses morfemas com a perspectiva linguística de categorização do mundo pelos Awa Guajá.<sup>2</sup> Para que seja possível inferir a relação entre os referidos sufixos e a perspectiva Awa Guajá de categorização, apresentaremos nossa análise sobre a função de tais morfemas em distintos contextos discursivos, associando os dados coletados com conceitos teóricos fundamentais para

<sup>2</sup> Agradecemos especialmente à Bruna Franchetto (2021), que nos inspirou para essa pesquisa por meio da sua apresentação oral no evento Amazônicas VIII sobre “Operadores ontológicos ameríndios” tecendo analogias (citando Viveiros de Castro 1996, 2002 e Denofrio 2013) entre a série de modificadores yawalapíti e os modificadores tupi-guarani -*guaçu* e -*ju* (respectivamente “grande” e “espiritual” [lit. “amarelo”]), -*eté* (“autêntico”), e -*rana* (“falso”, “semelhante”), enfatizando a importância de se aprofundar os estudos sobre as interfaces entre formas linguísticas, categorizações, apreensões cognitivas e filosofias ontológicas.

essa discussão, tais como: a categorização como reflexo da mente e da cognição (Lakoff 1982,1986.), a categorização linguística (Taylor 1995) e a Teoria do Protótipos associada à categorização (Rosch 1978; Givón 1986).

Para tanto, o artigo é subdividido em duas seções, que tratarão, respectivamente, dos conceitos fundamentais para a discussão em tela, e em seguida da nossa definição e análise sobre os morfemas categorizadores do Guajá. Ao fim, serão feitas as considerações finais.

A metodologia utilizada na pesquisa é de cunho qualitativo, tendo sido realizada pesquisa bibliográfica a partir de dados publicados em Magalhães (2007) e Magalhães e Ferreira (2021), coleta de dados linguísticos obtidos em sessões de elicitação de nomes de espécies animais e vegetais,<sup>3</sup> além de dados coletados em contextos discursivos espontâneos como narrativas e diálogos cotidianos. Todos os dados não identificados com referência bibliográfica são inéditos.

## 2. Conceitos fundamentais

### 2.1 Categorização e categorização linguística

A categorização, de maneira geral, tem sido definida como o processo por meio do qual os seres humanos agrupam entidades semelhantes, sejam elas categorias humanas, animais, objetos, eventos, entre outros, em classes específicas.

De acordo com Lakoff (1982), a categorização natural, que está relacionada à forma como os seres humanos conceituam os elementos do mundo e como eles os interpretam em termos de sua experiência, trata-se de um aspecto importante da cognição geral, tanto dentro como fora da linguística. Para esse expoente da Linguística Cognitiva, categorizar é uma capacidade fundamental para o pensamento humano, sem a qual o ambiente percebido seria caótico e perpetuamente novo, uma vez que, a cada uso de um termo ou a cada nova situação vivida, precisaríamos reorganizar todo nosso conhecimento. Segundo Taylor (1995: ix), uma das mais importantes habilidades cognitivas, é precisamente a capacidade de categorizar, ou seja, ver similaridade na diversidade. A categorização consiste, assim, em um processo de cognição por meio do qual é possível apreender e conhecer tanto o universo físico exterior como o universo psicológico interior do ser humano, ao passo em que permite que o organismo reduza a variação ilimitada que existe no mundo a proporções controláveis. O vasto e disforme fluxo de impressões captadas pelos sentidos encontra na categorização um mecanismo de sistematização, síntese e configuração (Regúnaga 2012: 13).

Taylor (1995: viii) ilustra o conceito de categorização linguística pelo uso, por exemplo, da mesma palavra ‘cão’ para nos referirmos a dois animais diferentes, ou descrever duas matizes de cor diferentes por meio da mesma palavra, por exemplo, ‘vermelho’. Nesses casos estamos realizando atos de categorização: embora distintas, as duas entidades são consideradas em cada caso como pertencendo a uma mesma categoria.

Um linguista empreende uma categorização linguística de objetos linguísticos assim como um botânico está preocupado com uma categorização botânica de plantas (Taylor 1995: ix) e deve também ser apto a interpretar a forma como as línguas expressam a perspectiva de seus falantes considerando que linguagem e cultura estabelecem entre si uma relação simbiótica em que se afetam mutuamente. Logo, as categorias linguísticas estão entre os tipos de categorias abstratas que qualquer teoria adequada do sistema

---

<sup>3</sup> Marina Magalhães participou como assessora em linguística dos projetos ARPA: Gestão Territorial do mosaico REBIO Gurupi e Terras Indígenas, e Mosaico Gurupi, elaborando juntos aos Awa Guajá um primeiro levantamento dos nomes de animais e de árvores nativas reconhecidos por eles.

conceitual humano deve ser capaz de explicar. Por ser a linguística uma importante fonte de evidência para a natureza do conhecimento cognitivo, nada é mais central do que a categorização para as teorias linguísticas interessadas nas questões gerais de cognição (Lakoff 1982: 7-8).

Dessa maneira, a categorização linguística pode ser entendida como “o modo em que a matéria-prima ontológica se torna matéria simbólica. E nesse processo, cada língua e cada cultura vai deixar a marca de sua visão de mundo” (Regúnaga 2012: 13).

Partindo dessa concepção de categorização linguística, descreveremos e explicaremos o funcionamento de um conjunto de elementos que compõe, mais especificamente, o que estamos denominando aqui de morfemas categorizadores.

## 2.2 Protótipo

O conceito de protótipo foi apresentado pela primeira vez no âmbito da psicologia cognitiva, e sustenta que a categorização humana não deve ser considerada um acidente histórico arbitrário, mas o resultado de princípios psicológicos de categorização (Rosch 1978). Desse ponto de vista, protótipo, foi inicialmente definido como denotando um estímulo que exerce uma posição de destaque na definição de uma categoria por ser o primeiro a ser a ela associado.

A Teoria do Protótipo foi proposta como um modo de categorização em que alguns membros de uma categoria conceitual assumem papel mais central do que outros. Assim, no caso ilustrativo clássico, na categoria *ave*, papagaio e periquito apresentam traços mais centrais (ou prototípicos) do que pinguim e, dessa mesma perspectiva, qualquer conceito dado em qualquer língua pode ser ilustrado por um elemento que o representa melhor. A teoria do protótipo, segundo Lakoff (1982: 34) afirma, então, “que os membros representativos de uma categoria têm um *status* especial em termos de conceituação e compreensão.”

Em linguística, o conceito de protótipo é usado como um modelo analítico muito útil e altamente eficaz para estudos de classes de palavras. De acordo com Givón (2001), o melhor exemplo da classe dos nomes, por exemplo, são palavras que se referem a elementos que não mudam significativamente com o passar do tempo. Mas também é muito produtivo o uso da noção de protótipo para o estudo da semântica lexical especificamente de nomes (Aberra 2006).

Neste artigo utilizaremos a noção de protótipo para nos referirmos às raízes nominais e verbais não marcadas, argumentando a favor da hipótese de que tais raízes sejam os representantes centrais das categorias que elas representam, segundo a perspectiva Awa Guajá. Essas raízes, uma vez marcadas com os morfemas categorizadores, serão modificadas para denominar membros da categoria que elas representam dotados de características específicas que os associam àquela entidade, evento ou estado, categorizando os elementos do mundo em termos de um gradiente relacionado por traços gramaticais.

## 3. Os morfemas categorizadores do Guajá

Conforme já explicitado na seção anterior, os morfemas do Guajá sobre os quais nos debruçamos nesse estudo têm função categorizadora, no sentido de ajudarem a construir a referência do nome ou o escopo do evento<sup>4</sup> a partir de um fundamento gramatical baseado em traços de propriedades. Constituem um conjunto de sufixos que

<sup>4</sup> Na língua Guajá, há verbos eventivos e verbos estativos, segundo Magalhães e Mattos (2014).

definem entidades e eventos em termos do quanto se aproximam ou se afastam de um protótipo no que diz respeito à dimensão ou a outras características não expressas de maneira descritiva, como será detalhado a seguir.

O conjunto dos morfemas categorizadores cria novos itens lexicais na língua (são, portanto, derivativos) e é formado pelos sufixos *-hu*, *-'ĩ*, *-rỹ*, *-te*, e seus respectivos alomorfes. Com exceção de *-rỹ*, que é exclusivo de nomes, os demais morfemas podem afixar-se a raízes nominais e verbais eventivas, sendo o morfema *-te* o que tem função e distribuição mais abrangente, podendo ocorrer também com pronomes, raízes verbais estativas e advérbios.

A Tabela abaixo apresenta os morfemas categorizadores do Guajá, que serão descritos um a um em seguida.

Morfemas categorizadores do Guajá

Sufixo	Função	Raízes com as quais se ligam
<i>-(u)hu ~ -(y)hy ~ -he</i>	Intensificador (INTS)	nominais e verbais eventivas
<i>-(a)'i ~ -(a)'ĩ ~ -ka ĩ</i>	Atenuativo (ATEN)	nominais e verbais eventivas
<i>-rỹ(n)</i>	Similitivo (SEME)	nominais
<i>-(e)te, -ate</i>	Autenticidade contrastiva (AUT.CONTRAS)	pronominais, nominais, verbais eventivas, verbais estativas

### 3.1 Morfemas categorizadores dimensionais: intensificador (INTS) e atenuativo (ATEN)

Os sufixos intensificador *-hu* e atenuativo *-'ĩ* foram brevemente descritos em Magalhães (2007: 160-161) como sufixos de intensidade e atenuação “que denotam dimensão nos nomes e intensidade nos verbos, produzindo itens lexicais da mesma classe da respectiva base, mas referindo entidades diferentes na língua”. Sem se contrapor a essa análise, na perspectiva que aqui adotamos, interpretamos adicionalmente que esses morfemas atribuem às raízes às quais se anexam a semântica de dimensão maior, no caso dos nomes (8b), ou uma intensidade maior (9 a 12), no caso dos verbos, em relação a dimensão/intensidade do membro prototípico não marcado.

Em (8a) a raiz nominal *tatu*<sup>5</sup> refere-se à espécie *Dasypus novemcinctus*, conhecida popularmente em português pelo nome de ‘tatu galinha’ ou ‘tatu verdadeiro’. Essa raiz não marcada representa a entidade prototípica da categoria *tatu*, que mede cerca de 38 a 58 centímetros de comprimento e pesa de 4 a 8 quilos. Quando esta raiz nominal ocorre associada ao sufixo intensificador *-hu* (8b), passa a representar um outro referente, que se distancia do representante prototípico por suas dimensões maiores. O *tatuhu* refere-se à espécie *Priodontes maximus*, conhecida popularmente como ‘tatu canastra’, que chega a medir mais de 1 metro de comprimento e pesar entre 45 e 50 quilos. Em nossa análise, *tatu* e *tatuhu* seriam membros de uma mesma categoria, sendo o primeiro o referente central dela.

<sup>5</sup> As raízes nominais do Guajá podem ocorrer associadas ao sufixo *-a* que, diferentemente dos morfemas categorizadores, é flexional. O morfema *-a* tem função de referenciante (REFER), isto é, indica que a raiz a que se anexa pertence à classe dos nomes e está sendo usada para referir (e não como um nome com função existencial, sem referência).

- (8) a. *tatu-a*  
tatu-REFER  
'tatu' (esp. *Dasypus novemcinctus*) (Magalhães 2007: 160, interpretação nossa)
- b. *tatu-hu-a*  
tatu-INTS-REFER  
'tatu canastra' (esp. *Priodontes masimimus*) (Magalhães 2007: 160, interpretação nossa)

O sufixo *-hu* e seus alomorfes são muito produtivos na criação de nomes de espécies animais e vegetais na língua Guajá. Outros exemplos são: *ka'i* 'macaco-prego' → *ka'ihu* 'cairara'; *manimy* 'beija-flor' → *manimyhu* 'ariramba'; *arapaha* 'veado foboca' → *arapahahu* 'veado mateiro'; *jawara* 'cachorro' → *jawaruhu* 'onça', *mukuri* 'cuica' → *mukuruhu* 'mucura', *a'y* 'preguiça' → *a'yhu* 'preguiça-real', *arakaxa'a* 'mamão do mato' → *arakaxa'ahu* 'mamão'.

O sufixo intensificador ocorre também anexado a raízes verbais eventivas, como ilustrado a seguir, por meio dos alomorfes *-hu* ou *-(y)hy*.

- (9) *i-men-a*                      *i- 'i-hy*                      *i-pe*                      *awije*  
3.II-marido-REFER      3.I-dizer-INTS                      3.II-para                      sempre  
'o marido dela sempre brigava (falava forte) com ela'  
(Magalhães 2007: 201, interpretação nossa)
- (10) *a-jaho-ta-hy*                      *kata xi*                      *ni = r-akarỹme*  
1.I-ir-DESI-INTS                      bem IMPERF                      2.II = LK-atrás.de  
'eu queria imensamente ir com você (atrás de você)'
- (11) *a-pyhyk-yhy*                      *apaj*  
IMP-segurar-INTS                      logo  
'agarre-o logo!' (lit. 'segure-o intensamente!')
- (12) *o-ho ka'a r-ipi wata-hy-pa*                       $\emptyset$ -*imahy*                      *re*  
3.I-ir mata LK-por andar-INTS-FIN                      3.II-estar.zangado                      GRAT  
'Saiu pela mata andando intensamente. Estava zangado gratuitamente.'

Assim como no caso das raízes nominais, os verbos não marcados exprimem o conceito prototípico do evento e, quando associados ao sufixo intensificador passam a denotar um evento da mesma categoria, mas que é interpretado como mais intenso, agressivo ou até mesmo forçado. Assim, em (9) a raiz verbal eventiva *'i* 'falar/dizer' passa a denotar *'i-hy* 'brigar verbalmente/discutir' quando recebe o referido sufixo. O mesmo ocorre com *jaho* 'ir', que se torna *jahotahy* 'querer ir imensamente' associado também ao sufixo desiderativo *-ta*, em (10); *pyhy* 'pegar/segurar/abraçar', que se torna *pyhykyhy* 'agarrar', em (11) e *wata* 'andar', que se torna *watahy* 'andar intensamente' em (12).

Qualquer verbo ativo pode, de acordo com as seções de elicitación realizadas com os colaboradores Awá, ocorrer associado ao sufixo intensificador. Outros exemplos de raízes verbais eventivas que recebem esses morfemas são; *kaka'a* 'defecar' → *kaka'ahu* 'ter.diarréia', *kere* 'dormir' → *kerehy* 'dormir forçado', *wapy* 'sentar' → *wapyhy* 'sentar obrigado', *iminõ* 'ter.sexu' → *iminõhy* 'estuprar'. No entanto, a semântica pode variar sutilmente dentro do escopo da noção de intensividade, de acordo com a natureza do verbo

ou o próprio modo da sentença. Assim, em raízes como ‘dormir’, ‘sentar’ e ‘ter sexo’ acima, o sufixo intensificador denota ação realizada forçadamente; em raízes do tipo ‘defecar’, ‘pegar’ e ‘falar’, ele denota ação realizada com maior frequência ou intensidade, enquanto com verbos no modo imperativo o sufixo denota sempre uma ação realizada de maneira rápida, abrupta, intensificando a própria natureza imperativa do evento.

Dessa maneira, mesmo que a partir de coleta mais significativa de dados tenhamos constatado que a produtividade do sufixo intensificador seja maior do que a descrita em Magalhães e Ferreira (2021), mantemos a análise das autoras sobre a interpretação desse morfema como derivacional. Isso porque, considerando os critérios adotados no referido estudo,<sup>6</sup> esse morfema ainda conserva as seguintes propriedades derivacionais: a) não são relevantes para a sintaxe da língua, tendo seu uso determinado pelo contexto lexical; b) são opcionalmente associados a raízes verbais e nominais, isto é, a noção semântica que expressam não é obrigatoriamente expressa nessas classes; c) afetam de maneira significativa o significado da raiz a que se associam, podendo inclusive ser traduzido muitas vezes por raízes verbais distintas como fazer.sexo/estuprar; defecar/ter.diarreia; pegar/agarrar; falar/discutir; d) são expressos em posição próxima à base, antes dos morfemas subordinadores (como em 12, em que *-hy* ocorre antecedendo o morfema subordinador de finalidade); e) raramente induzem alomorfia da base e f) não expressam noções gramaticais de maneira cumulativa.

As raízes verbais estativas, por sua vez, também são amplamente encontradas associadas ao morfema intensificador, porém, em todos os casos identificados até o momento, esse sufixo encontra-se lexicalizado, isto é, as raízes estativas identificadas com esse morfema não ocorrem mais isoladamente, sem ele. São exemplos de verbos estativos com sufixo intensificador lexicalizado: *i-pa'aruhu* ‘está grávida’, *Ø-ta'amuhũ* ‘está molhado’, *i-rawahy* ‘é amargo’, *h-ajahy* ‘é azedo’, *Ø-manahỹ* ‘é feio’, *Ø-parahỹ* ‘é bonito’, *i-jamyhỹ* ‘é fedido’, *h-akatothõ* ‘está saciado’, entre outros tantos.

Como não há mais a semântica de intensidade associada morfologicamente às raízes estativas, a maneira de se expressar intensidade associada aos verbos estativos é por meio de estratégia sintática, na combinação das raízes verbais com as partículas de intensidade *ra'o* ‘muito’ e *rahy* ‘demais’: *i-rawahy ra'o* ‘é muito amargo’, *h-ajahy rahy* ‘é azedo demais’.

Concluimos, então, que sincronicamente, o sufixo categorizador dimensional de intensidade é produtivo apenas com raízes nominais e verbais eventivas.

Há também, entre os morfemas dimensionais, o sufixo atenuativo *-ĩ ~ -i*. Ele se associa à raiz do termo prototípico para acrescentar a ele a semântica de atenuação, isto é, ao ser associado a esse sufixo, o nome passa a referir-se a outro membro da mesma categoria da raiz, porém caracterizado pela sua menor dimensão, como em:

- (13) a. *jawatara-Ø*  
lontra-REFER  
‘lontra’ (esp. *Lontra longicaudis*) (Magalhães 2007: 161, interpretação  
nossa)
- b. *jawatara-'i-a*  
lontra-ATEN-REFER  
‘doninha amazônica’ (esp. *Mustela africana*) (Magalhães 2007: 161,  
interpretação nossa)

<sup>6</sup> Magalhães e Ferreira (2021) basearam-se nos critérios que diferenciam flexão de derivação propostos por Payne (2006) e Haspelmath & Sims (2010) para analisar os morfemas intensificador *-hu* e atenuativo *-ĩ* do Guajá como derivacionais.



Assim, o mamífero *jawatara* ‘lontra’, que mede cerca de 1,30 metros de comprimento e pesa cerca de 25 quilos é o membro prototípico da categoria, à qual também pertence a *jawatara'i* ‘doninha amazônica’, conhecida popularmente como ‘furão’, espécie menor, não aquática, que chega a medir no máximo 30 centímetros.

Também são exemplos de raízes nominais que ocorrem com o sufixo atenuativo: *ararakỹ* ‘arara vermelha grande ou araracanga’ → *arari* ‘arara canindé’, *panyĩ* ‘borboleta’ → *pana'ĩ* ‘esp. pequena de borboleta’, *pira* ‘peixe’ → *pira'i* ‘piabinha’, *tamarawã* ‘tamanduá-bandeira’ → *tamarawã'ĩ* ‘tamanduá de colete’. Em nomes de plantas, no entanto, esse morfema é encontrado associado a espécies que produzem sementes e pode ser traduzido como ‘semente de’, isto é, a planta no seu estágio menor. Assim, *tatawa'ĩ* refere-se à semente da árvore *tatawa* (esp. *Ocotea immersa*). Da mesma forma, *paparani'ĩ* é a semente da planta *paparanĩ* ‘breu’ (esp. *Protium aracochini*) e *takamy'ĩ* é a semente da palmeira *takamyĩ* ‘tucumã’ (esp. *Astrocaryum vulgare*). Nesses casos, o alomorfe utilizado é sempre o -'ĩ.

Além de ser produtivo para a criação de novos nomes, o sufixo atenuativo também ocorre anexado a qualquer raiz verbal eventiva, sempre por meio do alomorfe *-kaĩ*, denotando, dentro do escopo da noção de atenuação, uma ação realizada de maneira mais breve, quando associada a verbos no modo indicativo (14) e denotando uma maneira mais atenuada/polida de se dar a ordem, em orações no modo exortativo (15) ou imperativo (16).

- (14) *kahu-a*            *a-raho-kaĩ*            *jaha*  
 carro-REFER    1.I-levar-ATEN            eu  
 ‘eu levei (dirigi) o carro um pouquinho’
- (15) *Amẽ*            *Junai t-i-'ĩ-ka'ĩ*            *ha = Ø-pamẽ*  
 espera            N.PR    EXO-3.II-falar-ATEN    1.II = LK-com  
 ‘deixa o Junai falar comigo um pouquinho’ (Magalhães e Ferreira 2021: 12)
- (16) *a-pyhy-kaĩ*            *ni = Ø-mymyr-a*            *nijã*    *anyĩ*  
 2.IMP-pegar- ATEN    2.II = LK-filho-REFER    você    ADIT  
 ‘pegue você seu filho um pouquinho’

Pelos mesmos motivos apontados anteriormente para o sufixo intensificador mantemos a análise de Magalhães e Ferreira (2021) sobre a interpretação desse morfema como derivacional em nomes e em verbos eventivos.

Quanto aos verbos estativos, não há registro dessas raízes associados ao sufixo atenuativo. Nesses casos, quando os falantes querem expressar atenuação relacionada a esses itens lexicais, os combinam sintaticamente com partículas que também denotam atenuação, tais como *juhu* ‘mais ou menos/meio’ (cf. Magalhães e Ferreira 2021: 12), *mixi* ‘pouco’ ou *mixika'ĩ* ‘pouquinho’, sendo este último resultante da lexicalização de *mixi* ‘pouco’ com o sufixo atenuativo *-kaĩ* aqui apresentado: *hajahy juhu* ‘meio azedo’; *haxỹ mixika'ĩ* ‘está um pouquinho frio’.

### 3.2 Sufixo similitivo (SEME)

Já o sufixo *-rỹ*, com alomorfe *-rỹn* quando seguido por vogal, denominado por Magalhães (2007: 165) como “sufixo de semelhança” e descrito como um “sufixo derivativo endocêntrico, exclusivo dos nomes”, caracteriza-se adicionalmente, em nossa análise, por modificar a raiz a que se anexa apresentando-a como um novo referente que se aproxima do referente prototípico por conter traços semelhantes, porém não expressos

de forma explícita por meio de raízes descritivas ou definições gramaticais específicas (como dimensão, por exemplo).

Assim, o ‘porco queixada’ é a referência central, prototípica da categoria *xahu*, enquanto aquele que denominamos de ‘porco doméstico’ é para os Awa Guajá uma espécie similar não prototípica, o *xahurÿna*, isto é, literalmente ‘o semelhante ao queixada’.

- (17) a. *xahu-a*  
queixada-REFER  
‘queixada’ (esp. *Tayassu pecari*)  
(Magalhães 2007: 165, interpretação nossa)
- b. *xahu-rÿn-a*  
queixada-SEME-REFER  
‘porco doméstico’ (esp. *Sus scrofa domesticus*)  
(Magalhães 2007: 165, interpretação nossa)

A interpretação deste morfema associada ao significado de ‘semelhante a’ também pode ser entendida como ‘não autêntico’, conforme nossa interpretação (ou “falso”, como se costuma traduzir em análises de língua Tupi-Guarani), considerando que o referente autêntico seria aquele que, na cosmovisão Awa Guajá, representaria o elemento mais prototípico da categoria.

O exemplo a seguir também é ilustrativo da semântica associada ao sufixo *-rÿ*:

- (18) a. *karai-a*  
não.indígena-REFER  
‘não indígena’  
(Magalhães 2007: 165, interpretação nossa)
- b. *karai-rÿn-a*  
não.indígena-SEME-REFER  
‘estrangeiro’ (lit. ‘semelhante ao não indígena’)  
(Magalhães 2007: 165, interpretação nossa)

Os dados acima deixam claro que, na perspectiva Awa Guajá, estrangeiros pertencem à mesma categoria humana central não marcada *karai* ‘não-indígena’, mas por terem uma língua distinta e características físicas que apesar de semelhantes se distanciam do protótipo não indígena, passam a ser denominados de *karairÿ*, isto é, ‘aqueles semelhantes aos não indígenas prototípicos’.

Esse sufixo, assim como os dimensionais, cria novos itens lexicais na língua e são muito produtivos na sua função categorizadora, associando, por meio do modificador, espécies distintas de animais, vegetais e humanos: *teju* ‘teiú’ → *tejurÿ* ‘lagartixa’; *araku* ‘galinha do mato’ → *arakurÿ* ‘frango-d’água-azul’; *iroho* ‘gavião’ → *irorÿ* ‘falcão’; *jawara* ‘cachorro’ → *jawarÿ* ‘cachorro mão-pelada’; *kwaxi* ‘quati’ → *kwaxirÿ* ‘guaxinim’; *waja* ‘goiaba do morro’ → *wajarÿ* ‘goiaba-de-anta’, entre muitos outros.

Apesar de esse morfema ocorrer exclusivamente associado a nomes, há na língua Guajá uma partícula epistêmica similitiva (SIMIL) *rawÿ* (Magalhães 2007: 116) que é foneticamente próxima ao sufixo categorizador de semelhança e ocorre associada a predicados verbais ativos, estativos e nominais denotando semelhança:

- (19) *a-kere rawỹ te i-pe xĩ*  
 1.I-dormir SIMIL AUT.CONTRAS 3.II-para PERF  
*pape a-japo tapo ko ha = r-ipa-pe*  
 papel 1.I-fazer deitado aqui 1.II = LK-casa-LOC  
 ‘apesar de parecer para ele que eu estava realmente dormindo, eu estava estudando  
 (fazendo papel) deitada aqui na minha casa’  
 (Magalhães 2007: 117, interpretação nossa)
- (20) *ha=Ø-kara ‘ahỹ rawỹ i-pe xĩ ha = r-atỹ nuhu ‘ũ*  
 1.II = LK-estar.cansado SIMIL 3.II-para PERF 1.II = LK-ser.forte CONT.EXP  
 ‘apesar de parecer cansada para ele, não é que eu sou forte?!’  
 (Magalhães 2007: 117, interpretação nossa)
- (21) *a’e pāj awa-Ø rawỹ karai-rỹn-a amō-a*  
 DEM TOT Guajá-REFER SIMIL não.indígena-SEME-REFER outro-REFER  
 ‘Eles todos são parecidos com Guajá. Os estrangeiros são diferentes (são outros)’

Ainda não é possível saber se há alguma relação diacrônica entre esses modificadores gramaticais ou se a similaridade funcional e fonética entre eles é casual.

### 3.3 Sufixo de autenticidade contrastiva (AUT.CONTRAS)

O morfema *-te* (AUT.CONTRAS) tem alomorfes determinados foneticamente: a forma *-te* é associada a raízes terminadas em vogais e a forma *-ate* ~ *-ete* associada a raízes terminadas em consoantes, sendo *-ate* exclusiva de formas verbais. Além de ter escopo mais amplo que os demais sufixos, combinando-se com raízes verbais, nominais, pronomes independentes e expressões adverbiais, tem função categorizadora distinta porque atua no nível discursivo e não no lexical. Isto é, esse morfema não cria um novo referente ou evento, mas contrasta o referente ou evento entendidos como autêntico ou prototípico com outro inserido no contexto discursivo. Ou seja, a função que o morfema *-te* exerce é, na verdade, oposta à dos demais: a raiz associada a ele terá seus traços prototípicos realçados, no sentido de evidenciar que aquela entidade ou evento/estado é a que carrega as características autênticas da categoria quando colocada em contraste, no contexto discursivo, com outro membro da mesma categoria, conforme podemos inferir a partir do exemplo a seguir:

- (22) *– ka ‘i-hu-a nawani, ka ‘i-a ‘ani ko?*  
 macaco-INTS-REFER não macaco-prego-REFER DEIT aqui  
 ‘esse aqui não é um macaco cairara (*ka ‘ihua*), é um macaco-prego (*ka ‘ia*), né?’  
 – *A ‘e, ka ‘i-te-a!*  
 sim macaco-prego-AUT.CONTRAS-REFER  
 ‘sim, é um autêntico macaco-prego (*ka ‘i + -te*)’

Assim, no contexto em que foi indagado se o animal que estava sendo observado era um *ka ‘ihu* ‘macaco cairara’ ou um *ka ‘i* ‘macaco-prego’, o sufixo *-te* foi utilizado anexado ao nome *ka ‘i* para enfatizar que o referente se tratava do ‘macaco-prego’ autêntico e não do *ka ‘ihu* ‘macaco cairara’, um membro similar da mesma categoria.

O mesmo tipo de contraste poderia ser feito invertendo-se as espécies. Caso o animal sobre o qual se estava indagando tratasse de um *ka ‘ihu* ‘macaco cairara’, a resposta para a pergunta seria: *A ‘e, ka ‘ihutea!*, isto é, ‘sim, é um autêntico macaco cairara’. O que

essa constatação nos permite concluir é que o morfema categorizador de autenticidade contrastiva *-te* não se anexa apenas em raízes não marcadas, mas em qualquer raiz cujos traços característicos precisem ser enfatizados num contexto contrastivo, mesmo que esses traços característicos da espécie, portanto autênticos, sejam resultantes da associação da raiz prototípica de uma categoria com um modificador, como *ka'ihu* (*ka'i* + *-hu* (INTS)).

Até mesmo quando o contraste não é explícito no contexto discursivo, o sufixo *-te* exprime a ideia de “pressuposição” (Givón 2001), isto é, a raiz ou radical ao qual se anexa é tomado como sendo autêntico representante de uma categoria “(seja por definição, seja por concordância prévia ou por convenção genérica compartilhada culturalmente), por ser óbvio para todos os presentes no ato de fala ou por ter sido gerada pelo falante e continuar inalterada por parte do ouvinte.” (Givón 2001: 301).

Os dados a seguir corroboram essa análise:

- (23) *aria*     *awa-∅*             *ari-japo*             *ari = r-y'y-te-a*  
 nós     awá-REFER     13.I-fazer             13.II = LK-flecha-AUT.CONTRAS-REFER
- wari*             *∅-ika-har-a*  
 guariba             R-matar-NZR-N  
 ‘Nós, Awa Guajá, fazemos nossas autênticas flechas matadoras de guariba’
- (24) *ira-ja-te-a*     *karawara*  
 árvore-dono-AUT.CONTRAS-REFER     karawara
- ∅-iwa-p-ahar-a*     *wỹ*  
 R-céu-LOC-NZR-REFER                                     PLU  
 ‘Os autênticos donos das árvores são os Karawara, moradores do céu.’

Em (23), *ariry'ytea* ‘nossas autênticas flechas’ contrasta com o referente implícito, que seria outro tipo de flecha com características interpretadas como não autênticas. Em (24), *irajatea* ‘autênticos donos das árvores’ contrasta com um pressuposto discursivamente subentendido de que haveria outros donos de árvores diferentes dos *karawara* que não seriam representantes autênticos dessa categoria.

O fato de que esse reforço na autenticidade dos traços se dá contrastivamente, conforme ilustram os dados anteriores, evidenciam uma função discursiva desse morfema, em contraste com a dos demais morfemas categorizadores, cuja função se restringe ao nível da morfologia lexical. Isso explica, inclusive, o motivo de nas listas de nomes de espécies da fauna e flora coletados, muitos dos referentes virem associados ao morfema *-te*, uma vez que eles estavam sendo contrastados com outros membros da mesma categoria na lista que fora preparada previamente. Fora de um contexto de contraste, os mesmos referentes são denominados sem o modificador. Dessa análise surge a proposta de determinar sua função como aquele que marca uma autenticidade contrastiva (AUT.CONTRAS).

Seguindo essa interpretação, podemos entender porque a raiz nominal *awa* ‘gente’, que é usada pelos Awa Guajá como etnônimo autodenominativo, pode ser combinada com *-te*, *awate*, passando a referir-se a um grupo de Awa Guajá com determinadas características consideradas prototípicas/autênticas quando contrastado com outro grupo de Awa Guajá com características similares, referido apenas como *awa* ‘gente’ (Magalhães e Garcia 2022, no prelo).

- (25) a. *awa-Ø*  
gente-REFER  
'gente/ os Awa Guajá'
- b. *awa-te-a*  
gente-AUT.CONTRAS-REFER  
'gente verdadeira, autêntica/ os Awa Guajá autênticos'

Assim, *awatea* seria usado num contexto onde se pretende contrastar que um grupo de pessoas seria mais autenticamente representativo, na concepção do falante, do que de outro, denominado, por sua vez por meio do referente sem qualquer sufixo.<sup>7</sup>

Quando associado a raízes verbais, o evento (26 e 27) ou estado/qualidade (28) é tomado como sendo óbvio para todos os presentes no ato de fala, isto é, como contendo autenticamente aqueles traços, num contexto discursivo em que aquela ação ou estado está potencialmente em contraste com outro.

- (26) *Ø-watar-ate*                      *awije*                      *are=Ø-ka'a*                      *r-ehe*  
3.I-andar-AUT.CONTRAS              sempre                      1.II.PL=LK-mata                      LK-sobre  
'ele obviamente/realmente anda sempre na nossa mata'  
(Magalhães 2007: 118, interpretação nossa)

- (27) *nijã*              *ara-kwa-te*                      *awa*                      *'i-ha*  
você              2.I-saber-AUT.CONTRAS              Guajá                      falar-NMZR  
'você obviamente/realmente sabe a língua dos Awa Guajá'  
(Magalhães 2007: 118, interpretação nossa)

- (28) *japa'a-te*  
ser.curto-AUT.CONTRAS  
'é obviamente/realmente curto'                      (Magalhães 2007: 118, interpretação nossa)

É, então, justamente esse uso discursivo do sufixo de autenticidade contrastiva que permite que ele tenha estendido seu escopo para tantas outras classes de palavras. Isto é, enquanto os demais morfemas categorizadores restringem sua combinação a raízes nominais e verbais (no caso do *-rj̃* apenas a raízes nominais), o sufixo *-te* pode ser anexado também a pronomes e expressões adverbiais, como será apresentado a seguir.

O exemplo abaixo ilustra a possibilidade que o sufixo de autenticidade contrastiva *-te* tem de combinar-se com pronomes independentes:

- (29) *jaha-te-a*                      *xikari*                      *Ø-hy-a*  
eu-AUT.CONTRAS-REFER              menina                      LK-mãe-REFER  
'sou eu mesma a mãe da menina'

<sup>7</sup> O sufixo de autenticidade contrastiva difere da partícula de foco contrastivo *xipe* (FOC.CONTRAS) no sentido de que o contraste estabelecido pelo primeiro está centrado nas características do referente ou evento da raiz a que se anexa, entendido pelo falante como autênticas. Já a partícula de foco contrastivo é utilizada "quando há um contraste ou correção da informação anterior (Magalhães 2007: 96, destaque nosso):

*ari-xa*                      *xipe*                      *kamixa-Ø*                      *anỹ*  
1.I.PLU-ver              FOC.CONTRAS              jabuti-REFER              ADIT  
'o que vimos foi jabuti (e não onça)'

Neste exemplo, a intenção da falante é comunicar que ela, em primeira pessoa, é o referente autêntico sobre quem se fala. O contexto diz respeito a uma discussão entre mãe e filha presenciada por um espectador que questiona a mãe: Você é mesmo mãe dela? Pois aparentemente ela não te respeita! A mãe, então, responde, usando o *-te* associado ao pronome de primeira pessoa *jaha*, conforme o dado acima, reforçando a sua autenticidade enquanto referente.

As expressões adverbiais também podem ocorrer com o sufixo de autenticidade contrastiva. No dado a seguir *kumehẽ* (27) significa ‘hoje em dia/atualmente/hoje’, literalmente ‘quando é aqui’.

- (30) *Kumehẽ*      *kyry'y u-'u*      *awa-∅*      *tyrymỹ*      *r-ehe*  
 hoje.em.dia    MUD    3.I-ingerir    awá-REFER    mandioca    LK-sobre  
 ‘Atualmente os Awá passaram a comer com farinha’  
 (Berto e Magalhães, a ser publicado)

Quando associado ao sufixo *-te* (31), expressa a intenção do falante em contrastar o momento pontual com tempos de outrora, reforçando a semântica da expressão adverbial ao estabelecer esse contraste implícito.

- (31) *Awa-∅*      *i-mymy*      *rawirok-aha-∅*      *∅-mapy*  
 awa-REFER    3.II-filho      nomear-NZR-REFER    3.I-colocar  
  
*kumehẽ-te*  
 hoje.em.dia-AUT.CONTRAS  
 ‘Hoje em dia (em contraste com antigamente) os Awá colocam nomes nos seus filhos’  
 (Berto e Magalhães, a ser publicado)

Por fim, interpretamos ainda que o uso discursivo do sufixo culmina na sua extensão distribucional. Os dados do Guajá atestam a utilização adicional do morfema de autenticidade contrastiva como uma partícula, ocorrendo, por exemplo, após outras partículas que podem anteceder-lo na ordem dos constituintes, como a partícula similitiva *rawỹ* (SIMIL), conforme ilustra o exemplo a seguir. Nesse caso, o morfema gramatical tem escopo maior do que quando ocorre anexado à raiz lexical, e pode ser traduzido como ‘realmente’.

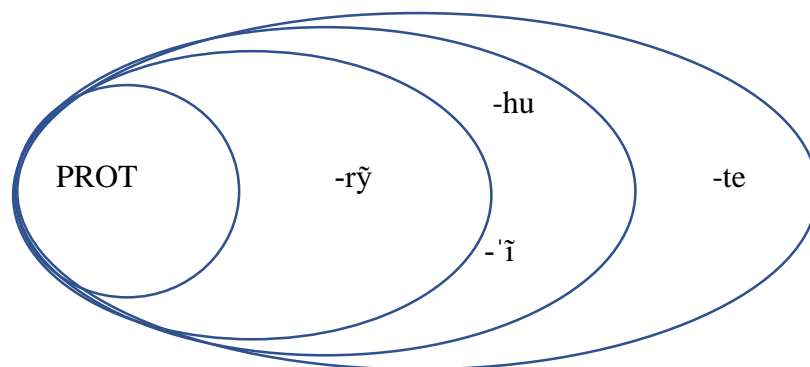
- (32) *a-kere*      *rawỹ te*      *i-pe*      *xĩ*  
 1.I-dormir    SIMIL    AUT.CONTRAS    3.II-para    PERF  
 ‘Realmente, parece que, para ele, eu estava dormindo.’

### 3.4 Hierarquização entre os morfemas categorizadores

Considerando a possibilidade de combinação de mais de um morfema de categorização com uma mesma raiz, podemos representar da seguinte maneira a hierarquia entre eles:

RAIZ > -rỹ > -hu / -'ĩ > -te

O esquema abaixo também é representativo do gradiente hierárquico entre os morfemas e ilustra a possibilidade que uma mesma raiz nominal tem de receber até três sufixos categorizadores, a depender do contexto:



Assim, os morfemas dimensionais *-hu* (INTEN) e *-i* (ATEN) são mutuamente exclusivos entre si, mas podem ser antecidos pelo sufixo similitivo *-rỹ* (SEME), justamente porque suas funções podem ser combinadas: um mesmo referente pode expressar, pela combinação de ambos, a semelhança com a entidade considerada prototípica, ocorrendo mais intimamente relacionado à raiz, além do distanciamento dimensional em relação à esta mesma entidade (*-hu* dando destaque à dimensão maior do referente e *-i* à dimensão menor).

Dessa forma, podemos ter, por exemplo, um referente prototípico, representante central de uma categoria, associado aos distintos morfemas, criando novos referentes, sendo os dimensionais mutuamente exclusivos, como em (33), ou podendo haver a combinação de um dos sufixos dimensionais com o similitivo, como em (34):

(33)

*jawatara* ‘lontra’ (esp. *Lontra longicaudis*) – referente prototípico da categoria.

*jawatarahua* ‘ariranha’ (esp. *Pteronura brasiliensis*) – membro da categoria *jawatara* caracterizado por ter dimensões maiores (*-hu*) que as do referente prototípico.

*jawatara ia* ‘doninha amazônica ou furão’ (esp. *Mustela Africana*) – membro da categoria *jawatara* caracterizado por ter dimensões menores (*-i*) que as do referente prototípico.

(34)

*xiramykya* ‘camaleão’ (esp. *Chamaeleo chamaeleon*) – referente prototípico da categoria.

*xiramykrỹnuhũa* ‘iguana’ (esp. *Iguana iguana*) – membro da categoria *xiramykỹ* caracterizado tanto por ter traços semelhantes com o camaleão (*-rỹn*), que é o referente prototípico, quanto por ter dimensões maiores (*-uhũ*).

Já nos casos em que são encontrados registros da combinação lexicalizada dos morfemas dimensionais com uma raiz, a ordem torna-se diferente. É o caso de *wiroho* ‘gavião’, resultado da combinação já lexicalizada de *wira* ‘pássaro’ com *-hu* (INTS), que sincronicamente não pode mais ter a sílaba [ho] interpretada como um morfema intensificador. Assim *wiroho*, tornou-se o representante central da categoria ‘gavião’, e, ao ser combinado ao sufixo *-rỹ* (SIMIL), passa a denominar um novo referente: *wirohorỹ* ‘gavião bombachinha’, com *-rỹ* ocorrendo após o antigo morfema intensificador.

Já o sufixo *-te* (AUT.CONTRAS) pode se combinar diretamente com a raiz ou imediatamente após os morfemas *-rỹ(n)*, *-hu* e *-i*. Isso porque sua função, conforme já explicado, é contrastiva, sendo ele usado para reforçar tanto os traços do referente central ao qual se associa, quanto os traços de um referente que esteja marcado com um morfema categorizador que indique afastamento do referente prototípico. Assim, considerando a diferença entre *aninake*, espécie não identificada de palma, e *aninakerynuhũ* ‘palma do

norte' num contexto em que se encontra uma palma e se quer certificar se trata de uma espécie distinta ou da palma do norte, é possível enfatizar que se trata desta última utilizando o termo *aninakerynuhũtea* '(é) a autêntica palma do norte' (lit. 'é a autêntica planta semelhante à palma, de dimensão maior'), resultante da combinação do nome prototípico *aninake* associado aos morfemas *-rỹ* (SIMIL), *-uhũ* (INTS) e *-te* (AUT.CONTRAS).

Uma consideração adicional importante a ser feita com relação aos termos que podem ser marcados pelos morfemas categorizadores é o de que o referente central pode também ser uma expressão metafórica e, portanto, de natureza distinta à da categoria a que o termo modificado pertence. Em *tapi'ikaramixi'i-ryn-uhũ-a*, por exemplo, o composto *tapi'ikaramixi'ĩ* significa 'rim da anta' e associado ao sufixo *-rỹn* (SEME) e depois ao *-uhũ* (INTS) passa a se referir a uma espécie botânica cujo nome literalmente significa 'parecido com um rim de anta, de dimensão maior', já que o fruto dessa árvore tem formato de rim. Isto é, nesse caso o referente central é uma expressão descritiva, um termo metafórico, que apesar de não ser concretamente um membro representativo da categoria, apresenta os traços de propriedades prototípicas que motivam a sua denominação.

Por fim, vale ressaltar que, numa análise que leva em conta a perspectiva de que a semântica lexical das palavras pode mudar diacronicamente, podemos concluir que a mudança de significado realizada via morfemas categorizadores reflete uma mudança conceitual na categorização.

Dessa forma, a raiz nominal não marcada *jawa(r)* que, na sua origem significava 'onça', como atestado em várias línguas TG, passou a denominar o referente 'cachorro' no momento em que esse animal passou a integrar a realidade cultural dos falantes como uma ferramenta de caça essencial, adquirindo grande relevância. A 'onça', por sua vez, passou a ser referida como *jawaruhu* (*jawar* + *-uhu* (INTS)), atestando que o animal cachorro passou a ser o referente principal da categoria e que a onça passou a figurar como um membro não prototípico, marcado, de dimensões maiores.

(35) *jawar-a* > *jawar-uhu-a*  
 'onça' → 'cachorro' 'onça'

Considerando a diferença entre as espécies domesticadas e não-domesticadas de animais e plantas, Witkowski e Brown (1983: 570) denominam esse fenômeno de “*Marking-reversals*” (reversão de marcação), definido pelos autores como “exemplos dramáticos de mudança lexical resultante de mudanças na importância cultural”.

#### 4. Considerações finais

Propomos, neste estudo, que um grupo de morfemas da língua Guajá descritos em estudos anteriores (Magalhães 2007; Magalhães e Ferreira 2021) passem a ser interpretados à luz da sua função comum categorizadora:

- Têm função de ajudar a construir a referência do nome ou de definir o escopo do evento a partir de uma categoria prototípica baseado em traços de propriedades determinados pela perspectiva linguístico-cultural de seus falantes.
- Constituem um conjunto de sufixos que definem entidades e eventos em termos do quanto se aproximam ou se afastam de um protótipo no que diz respeito à dimensão/intensidade (*-hu* e *-i*) ou a semelhanças não explícitas



(-rỹ) ou mesmo no que se refere a seus traços autênticos quando contrastados com referentes ou eventos similares (-te).

Tratando-se, o Guajá, de uma língua indígena falada por pessoas que concebem e categorizam o mundo de forma sensivelmente distinta às concepções ocidentais, procuramos associar a análise linguística com o universo cultural de seus falantes, uma vez que por meio dos morfemas aqui descritos, é possível compreender como a categorização dos referentes e eventos encontra reflexo na gramática da língua. O contraste entre as raízes não marcadas e aquelas marcadas por qualquer um dos sufixos aqui citados evidencia a hipótese de que há um representante prototípico na língua que pode receber afixos para configurar uma categoria de referentes ou eventos formada por membros que se associam entre si por meio de traços gramaticais.

Por fim, é importante ressaltar que esse sistema se revela extremamente sensível ao universo cultural de seus falantes, sendo constantemente atualizado. Novos termos são criados para designar elementos novos que são incorporados à cultura com o uso produtivo desses morfemas, tomando geralmente as espécies autóctones como modelo, como *xahu* ‘porco queixada’ e *xahurỹna* ‘porco doméstico’, sendo este último a espécie exógena que tem como referência principal o animal nativo. Mas, como a própria cosmologia não é estática, mudanças na concepção de quem é o representante prototípico da categoria também são encontradas, como no caso citado do termo não marcado *jawara*, que deixou de representar o referente autóctone ‘onça’ para designar um novo animal exógeno, o ‘cachorro’, que ganhou importância cultural central na vida dos Awa Guajá.

Essa discussão torna-se especialmente relevante se considerarmos que os Awá, enquanto um povo de recente contato, está, desde o contato, em intenso processo de mudança, inclusive na transição de um modo de vida essencialmente baseado na caça e na coleta que está abrindo espaço para a agricultura e criação de animais, recentemente adotadas, o que certamente causará efeitos na classificação e vocabulário da fauna e flora, como afirma Baleé (2013: 97):<sup>8</sup>

Suspeito que certas distinções entre os nomes das plantas emergirão na forma de marcação e mesmo de inversão (da marcação), se os Guajá de hoje forem totalmente incorporados à sociedade agrícola local, supondo que sua cultura e língua não sejam logo engolfadas e extintas pelas contínuas invasões de suas terras por colonos e fazendeiros.

Assim os morfemas categorizadores assumem importância ainda mais nuclear num sistema de classificação que está em plena transição e que envolve a nomeação de espécies nativas e domesticadas que passam a adquirir maior ou menor relevância cultural. Outro caso ilustrativo da língua Guajá é o de que, após o grande incêndio que devastou grande parte da Terra Indígena Caru no final de 2015, os Awa Guajá desta região passaram a referir-se constantemente à ‘mata’, *ka’a*, como *ka’atea* ‘mata autêntica’, que também pode ser traduzido como ‘mata preservada’ ou ‘mata original’, em contraste com a *ka’a kajera* ‘mata queimada’, onde não se encontra mais caça nem os elementos típicos de uma autêntica floresta, na cosmovisão Awa Guajá. Esse novo termo reflete a constante atualização da perspectiva de mundo na língua por meio dos morfemas categorizadores.

<sup>8</sup> No original (Baleé 2013: 97): “I suspect that certain distinctions among plant names will emerge in the form of marking and even marking reversals, if the Guajá of today are fully incorporated into local agricultural society, assuming their culture and language are not both soon engulfed and extinguished by the continuing invasions of their lands by settlers and ranchers.”

## Abreviaturas

ADIT	Partícula conjuntiva aditiva
ATEN	sufixo atenuativo
AUT.CONTRAS	sufixo de autenticidade contrastiva
CONTRA.EXP	partícula contra-expectativa
DEIT	dêítico
DESID	aspecto desiderativo
EXO	modo exortativo
FOC.CONTRAS	partícula de foco contrastivo
IMP	imperativo
IMPERF	imperfectivo
INTS	sufixo de intensidade
LK	<i>linker</i> / morfema de adjacência
N.PR	nome próprio
NMZR	nominalizador
PERF	partícula de aspect perfectivo
PLU	plural
PROIB	negação proibitiva
PROJ	partícula de aspecto projetivo
REFER	sufixo referenciante
PERF	perfectivo
SEME	sufixo de semelhança
SIMIL	partícula epistêmica de semelhança
1	primeira pessoa
2	segunda pessoa
3	terceira pessoa
I	série ativa de marcadores pessoais
II	série não ativa de marcadores pessoais

## Referências

- Aberra, Daniel (2006). *Prototype theory in cognitive linguistics*. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/267512473\\_Prototype\\_Theory\\_in\\_Cognitive\\_Linguistics](https://www.researchgate.net/publication/267512473_Prototype_Theory_in_Cognitive_Linguistics)
- Balee, William L. (2013). *Cultural forests of the Amazon: a historical ecology of people and their landscapes*. The University of Alabama Press.
- Denofrio, João Paulo Marra (2013). *La mort est dans la vie: contre-métamorphose et ascension Kagwahiva* (Dissertação mestrado em antropologia social). École des Hautes Études en Sciences Sociales (EHESS).
- Foley, William A. (1997). *Anthropological linguistics: An introduction*. Blackwell Publishing. [https://www.academia.edu/28923470/Anthropological\\_Linguistics](https://www.academia.edu/28923470/Anthropological_Linguistics)

- Franchetto, Bruna; Meira, Sérgio; Kuikuro, Ashaua (2021). Operadores ontológicos ameríndios. Comunicação oral no Simpósio síncrono de Morfossintaxe Classificação nominal: gramática, discurso, tipologia, *Amazônicas VIII* <https://letras.ufg.br/e/29307-amazonicas-viii>
- Givón, T. (1986). Prototypes: between Plato and Wittgenstein. In Colette G. Craig (ed.), *Noun classes and categorization*, pp. 77-104. John Benjamins Publishing Co. <https://doi.org/10.1075/tsl.7>
- Givón, T. (2001). *Syntax. An introduction*. Volume I. John Benjamins Publishing Company.
- Lakoff, George (1982). Categories: An essay in cognitive linguistics. In *Linguistic Society of Korea* (ed.), pp.139-193. Linguistics in the morning calm. Hanshin.
- Lakoff, George (1986). Classifiers as a reflection of mind. In Colette G. Craig (ed.), *Noun classes and categorization*, pp. 13-52. John Benjamins Publishing Co. <https://doi.org/10.1075/tsl.7.04lak>
- Magalhães, Marina Maria Silva (2007). *Sobre a morfologia e a sintaxe da língua Guajá (Família Tupi-Guarani)* (Tese de doutorado Universidade de Brasília. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/3188b>
- Magalhães, Marina Maria Silva; Mattos, Ana Cristina Rodrigues de (2014). Classes de palavras, tipos de predicados e sua relação com a intransitividade cindida em Guajá. *Via Litterae Revista de linguística e teoria literária* 6(2): 251-284. <https://www.revista.ueg.br/index.php/vialitterae/article/view/3542>
- Magalhães, Marina Maria Silva; Ferreira, Dimitria Giovanna Costa (2021). O Continuum entre flexão e derivação nos sufixos intensificador e atenuativo da língua Guajá. *Cadernos de Etnolinguística* 9(1):1-16. <http://www.etnolinguistica.org/article:vol9n1-3>
- Regúnaga, María Alejandra (2012). *Tipología del género en lenguas indígenas de América del Sur*. Editorial de la Universidad Nacional del Sur. Disponível em: <http://repositoriodigital.uns.edu.ar/handle/123456789/2208>
- Rosch, Eleanor (1978). Principles of categorization. In Eleanor Rosch; Barbara B. Lloyd (eds.), *Cognition and categorization*, pp. 27-48. Lawrence Erlbaum.
- Taylor, John R. (1995) *Linguistic categorization: Prototypes in linguistic theory*. Oxford University Press.
- Viveiros de Castro, Eduardo (2002). Esboço de cosmologia yawalapíti. In *A inconstância da alma Selvagem*, pp. 27-85. Cosac & Naify.
- Viveiros de Castro, Eduardo (1996). Os pronomes cosmológicos e o perspectivismo ameríndio. *Mana* 2(2): 115-144. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/mana/a/F5BtW5NF3KVT4NRnfM93pSs/?lang=pt>
- Witkowski, Stanley R.; Cecil H. Brown (1983). Marking-reversals and cultural importance. *Language* 59(3): 569-582. <https://www.jstor.org/stable/413904>

## **CRedit** – Taxonomia de roles de colaboração acadêmica

### **Agradecimentos:**

Agradecemos aos Awa Guajá das Terras Indígenas Awá e Caru pela disponibilidade de nos ensinar e nos fazer refletir sobre sua língua, ao editor da LIAMES Angel Corbera pelo acompanhamento de perto de todas as etapas da submissão, aos pareceristas pelas ricas contribuições, ao apoio administrativo e em campo da FUNAI e à Fundação de Apoio à Pesquisa do Distrito Federal (FAPDF) pelo apoio financeiro.

**Declaração de conflito de interesse:**

Declaramos não haver conflito de interesses pessoal, comercial, acadêmico, político ou financeiro referentes ao estudo aqui apresentado.

**Contribuição do autor/autores**

Marina Magalhães: Coleta de dados em campo, pesquisa bibliográfica e análise de dados  
Jorge de Mello: Pesquisa bibliográfica e análise de dados

**Ética em pesquisa com seres humanos:**

Declaramos que a presente pesquisa é parte de um projeto maior aprovado pela Comissão Nacional de ética em Pesquisa (CONEP), CAAE 30976620.6.0000.5540.

**Financiamento da pesquisa:**

Esta pesquisa foi parcialmente financiada pela FAPDF, por meio de projeto submetido e aprovado no âmbito do Edital Demanda Espontânea de 2021, processo SEI 00193-00001500/2021-45.

Submissão inicial: 21/12/2022

Submissão segunda rodada: 12/7/2023

Revisão final: 29/08/2023

Aceito: 5/9/2023

Publicado: 19/9/2023